

\* Resenha

## A Botica de Ontem e a Farmácia de Hoje: Balcões de procura de alento

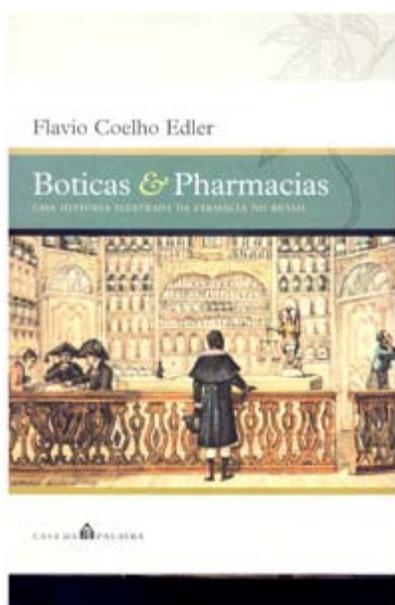
### Liandro Lindner

Jornalista, Especialista em Comunicação e Saúde, Mestrando em Informação e Comunicação em Saúde (ICICT/Fiocruz).  
liandro.lindner@gmail.com

### Elaine Kabarite

Bacharel em Ciências Políticas e Sociais, Especialista em História Contemporânea, Mestranda em Informação e Comunicação em Saúde (ICICT/Fiocruz)  
elkabarite@gmail.com

DOI: 10.3395/receis.v5i2.502pt



Edler, Flavio Coelho. *Boticas & pharmacias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006. 160 p. ilus. ISBN: 857734004X

"Uma imagem vale por mil palavras". A frase atribuída ao diretor greco-americano Elia Kazan já foi tão repetida que virou mantra para mostras fotográficas, ciclos de cinema e debates de marketing. Aplicada à área de saúde, evidencia que as imagens ganham força, antecedendo e, muitas vezes, superando os textos nas mensagens a serem repassadas. As campanhas publicitárias são o maior exemplo destas estratégias. No entanto, muito antes do império das imagens editadas dominarem as relações de comunicação, as ilustrações já faziam parte do cotidiano em cuidados de saúde, da busca de bálsamos para os males do corpo e da ânsia por consolo. Assim como o homem pré-histórico, que desenhava nas paredes de sua caverna cenas da vida para registrar sua rotina e influenciar no seu entorno, as "lojas de remédio" tiveram importante participação na construção do imaginário de saúde e doença no Brasil.

Neste sentido, o livro "*Boticas & Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil*", de Flávio Coelho Edler, apresenta a história da farmácia no Brasil, centrada na história do ofício e das práticas terapêuticas nos contextos sociais, culturais e históricos específicos. Historiador, com doutorado em saúde pública, o autor une esses dois campos do conhecimento nesta "viagem" textual e visual e faz incursões na área da comunicação imagética, tentando ilustrar períodos através de representações artísticas e publicitárias. Pajés, sacerdotes, barbeiros, práticos, religiosas e aplicadores de sangrias surgem nas imagens apresentadas como forma de ilustrar esta linha de narrativa amparada por este recurso, formando praticamente uma antropologia visual das práticas curativas. *A produção do livro foi coletiva - embora todo o trabalho tenha sido totalmente supervisionado por Edler, responsável pela edição e redação final - e contou com ajuda de dois outros historiadores, Verônica Pimenta*

Velloso e Luis Antônio Teixeira. A definição da linguagem visual e do projeto gráfico foi realizada por Victor Burton e dois editores. Segundo Edler, a facilidade de contar com apoio financeiro para a pesquisa e apresentação das imagens permitiram que se dispusesse de um rico repertório de imagens, podendo-se escolher as mais representativas, conforme está descrito na introdução.

Ao entrevistar o autor descobrimos que a obra foi uma encomenda feita pela editora a ele e contou com o aporte financeiro de uma grande distribuidora de medicamentos, através da Lei Rouanet, o que talvez esclareça quanto aos limites críticos deste tipo de trabalho. O autor afirma que “teve total liberdade para desenvolver as análises dos períodos Colonial e Imperial, mas senti certo constrangimento (autocensura) ao lidar com alguns temas mais contemporâneos”, o que significou deixá-los de fora ou abordá-los superficialmente, escolhendo apenas um ângulo e “esquecendo” outros aspectos. Dentre os inúmeros aspectos deste livro, chama atenção a pesquisa apurada e a riqueza de informação que obra traz. É uma proposta muito inovadora e interessante, que resultou em uma publicação caprichada, não apenas pelas ilustrações, como também por descortinar um panorama histórico-social das práticas de cura no Brasil, que é atravessado por diversos campos do saber, o que o torna complexo e relevante. Na descrição do processo de diferentes práticas médicas, indígena, africana, de ordens e confrarias religiosas, que concorriam com médicos, cirurgiões e boticários leigos no auxílio terapêutico e de assistência aos doentes, o autor conta e avalia os processos desta interação sociocultural quase sempre conflituosa. Antes da vigésima página é possível ver, como marca d'água, uma imagem da folha da *Cannabis Sativa* (maconha). Embora o autor afirme que a imagem entrou como uma “licença” sem qualquer veiculação com o texto, não deixa de ser curioso que a gravura esteja ilustrando a parte do livro que trata sobre o saber erudito e o saber popular. Seu princípio ativo tem sido candidato a medicamento para tratar glaucoma, asma, epilepsia, como analgésico e especialmente enquanto poderoso antiemético na quimioterapia. A utilização desta figura, ainda que sem qualquer referência quanto ao seu uso e manipulação, desperta a reflexão sobre o papel das drogas na sociedade atual e sua utilização na busca de bem-estar físico e psíquico.

Atavés de uma narrativa histórica linear, o livro tenta resgatar a importância das atividades profissionais no combate e cura de doenças através dos séculos, com a narrativa dividida em três períodos: Colônia, Império e República. Centrado nos ofícios e nas práticas farmacêuticas, a primeira parte é dedicada ao período colonial, apresentando o encontro das práticas européias com as práticas da cura indígena e africana, através do uso de plantas medicinais e de rituais. Neste período, os religiosos jesuítas adquiriram um papel fundamental, pois, além de educadores tomaram para si o papel de curadores, ao tentarem ressignificar a medicina indígena, tornaram-se grandes divulgadores das plantas medicinais brasileiras em todo o mundo. Durante o período do Império no Brasil, as práticas médicas coabitavam de forma ainda mais difusa e geravam muitos atritos entre os ditos “profissionais” envolvidos. Os recursos iam da oração à purga ou à sangria, passando por fórmulas mágicas, ervas, talismãs, exorcismos e substâncias de origem animal. O enfoque central recai sobre a figura do boticário, do droguista, do prático ou do farmacêutico diplomado e suas histórias entrelaçadas ao estudo das doenças prevalentes, da legislação sanitária, das práticas farmacêuticas dos medicamentos, das ciências médicas e farmacêuticas e, mais do que isso, à história da profissão farmacêutica e suas relações com a medicina. A terceira parte do livro discute o “Desenvolvimento da farmácia contemporânea” destacando a onda de mudanças no ofício da farmácia, incluindo o advento de novos medicamentos que atuam não somente no alívio da doença, mas também em sua cura. Após a primeira guerra mundial, com a crescente industrialização dos medicamentos, uma nova realidade terapêutica surge com a criação de uma nova nomenclatura dos remédios, que passam a levar a marca comercial, superando assim o prestígio dos profissionais. Já nos anos 60, no clima “new age” da época, as terapias alternativas e as farmácias de manipulação - como contraponto crítico à alopatia - cresceram, ampliando a discussão dos medicamentos a outros campos do saber. Ocorreu também nesta época o aumento dos investimentos em publicidade e divulgação, gerando enormes investimentos que, em consequência, acabam por influenciar o pesamento e o preço final dos medicamentos.

O uso das imagens foi a principal estratégia para tornar o livro interessante ao leitor comum. Outra estratégia (explicada na introdução) foi o uso de boxes para destacar curiosidades e outros aspectos anedóticos, assim como o uso, propositalmente, de imagens sagradas de diferentes origens culturais, esclarecido e apoiado pelo texto. A escolha das ilustrações obedeceu aos mesmos aspectos históricos que o autor conduz os capítulos, indicando também as mudanças na forma de representação visual da saúde e da doença, do consolo em busca de solução e da possibilidade de cura. Observa-se que as figuras religiosas e místicas representadas nas gravuras indicam um elemento relacional direto com a forma de concepção sobre a vida e morte, recompensa e castigo, normalidade e marginalidade, o que contribuiu para a formação da visão de mundo nos primeiros séculos após o descobrimento do Brasil. Tal concepção parece influenciar até hoje a forma de se tratar a saúde, criando a ilusão de que o saber se localiza numa vertente superior, antes formada por divindades e

hoje habitada por profissionais de jaleco branco, diante dos quais os doentes penam em busca de consolo e suplicando por atenção e cuidado.

Não se podem desprezar os aspectos políticos da publicação. Patrocinado por uma distribuidora de produtos farmacêuticos e publicado em 2006, ano em que iniciou a tramitação no Congresso Nacional do Projeto de Lei 7703/2006, que define a área de atuação, as atividades privativas e os cargos privativos do profissional médico, mais conhecido como projeto do "Ato Médico", o livro traz estas questões de forma subliminar no decurso de sua narrativa. No capítulo oito, ao se destacar o trabalho das Associações Farmacêuticas desde o final do século XIX, evidenciam-se as entidades patronais, ou formadas por acadêmicos e pesquisadores. A Sociedade Farmacêutica Brasileira foi criada em 1851, com o objetivo de "garantir o exercício da farmácia no Brasil", quinze anos após, a figura do boticário deixa de existir ganhando força a atividade do farmacêutico, com foco na profissionalização. Outros aspectos da atuação profissional e corporativa, como a necessidade de inscrição no Conselho Regional de Farmácia ou a fundação da Associação Profissional dos Farmacêuticos do Rio de Janeiro - a primeira entidade classista desta categoria, em 1947, sucedida pelo Sindicato dos Farmacêuticos do Estado do Rio de Janeiro, fundado em 1997 - não são destacados na publicação.

Não se pode deixar de notar que as imagens da última parte livro focalizam pílulas, comprimidos e cápsulas, sob o título "Novas Respostas aos Antigos Desafios". Fica sugerida uma ligação entre a sociedade atual e a busca de soluções rápidas, indolores e imediatas através da química; como se respostas aos problemas de saúde pudessem ser dadas pela ingestão de alguma coisa. Ao se observar o prestígio de medicamentos que atuam no controle do humor, no déficit de atenção, na luta contra a depressão ou na disfunção erétil, a figura do profissional corre o grave risco de se tornar secundária, restringindo-se a um mero prescritor de soluções. Não deve ser por acaso que as figuras finais não mostram nenhum ser humano, limitando-se a máquinas e produtos manufaturados.